

## O livro no jornalismo cultural impresso e televisionado<sup>1</sup>

Mônica de Fátima Rodrigues Nunes – doutoranda Umesp<sup>2</sup>

### Resumo:

Este trabalho enfoca como o caderno **Ilustrada**, do jornal *Folha de S. Paulo*, e o programa **Metrópolis**, transmitido pela *TV Cultura* – veículos voltados para as artes e espetáculos –, divulgam livros. Através de uma abordagem quantitativa, descrevemos as especificidades das matérias sobre livros, publicadas e exibidas pelos veículos analisados, no período de dez a quinze de dezembro de 2001. Também buscamos semelhanças e diferenças em relação ao conjunto dos temas publicados na **Ilustrada** e abordados no **Metrópolis**.

**Palavras-chave:** jornalismo cultural, livros, jornal e televisão.

### Introdução

O presente trabalho trata da representação do livro em outras mídias – uma impressa (Caderno **Ilustrada** – *Folha de S. Paulo*) e outra televisionada (Programa **Metrópolis** – *TV Cultura*), ou seja, da possível correlação entre o universo do livro e dos meios de comunicação de massa.

A idéia ao realizar este artigo foi investigar, o tema livros, em dois suportes do jornalismo cultural brasileiro, um impresso e outro televisionado. A preocupação que nos guiou foi verificar como meios de comunicação voltados para a divulgação de artes e espetáculos, estariam atuando na divulgação de livros.

### Caderno Ilustrada

Em 1958 começou a circular nas três *Folhas*<sup>3</sup> – *Folha da Noite*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã* – a **Folha Ilustrada**. Criado por José Nabantino Ramos com “a idéia de que o primeiro caderno ficaria com o marido e, o segundo, a *Ilustrada* com a mulher” (MACHADO, 2001, p.18), o caderno nasce editado em oito páginas. Nos seus primeiros tempos, ele continha reportagens longas sobre política exterior, comportamento, turismo,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Núcleo Produção Editorial

<sup>2</sup> Graduada em comunicação social com habilitação em jornalismo. Mestre em ciências da comunicação pela Universidade Metodista de S. Paulo, onde apresentou a dissertação: “Cultura também é notícia: jornalismo cultural no impresso e na TV”. Desde 2001 está desenvolvendo seu doutorado na Umesp. É bolsista CAPES. Atualmente está fazendo estágio de doutorado na Universidad Complutense de Madrid com bolsa (doutorado sanduíche) CNPq. E-mail: monicanunes\_br@yahoo.com.br

<sup>3</sup> No ano seguinte, 1960, as três Folhas passaram a ter um único nome “Folha de S.Paulo”.

ciência e ainda, nas suas páginas, focos sobre artistas, panorama, rádio e TV, teatro, vida literária, música, cinema, palavras cruzadas, horóscopo, entre outros.

Muitas foram as alterações do logotipo do caderno, desde a grafia até sua localização, ora no centro da página, ora timidamente entre as matérias. Esteve ausente, em suas primeiras edições, a ousadia gráfica. É na década de 1970, já com nome **Ilustrada**, que as artes gráficas começaram a se mostrar presentes no caderno. Mas “é na década de 1980 que a Ilustrada vai ser quase sempre uma boa peça de desenho industrial de imprensa no país”<sup>4</sup>.

É também na década de 1980 que a **Ilustrada** vai ter uma cobertura mais definida. Assuntos antes tratados como turismo, ciências, migram para seus próprios cadernos. A **Ilustrada** começa a viver suas mais profundas mudanças – passa a tratar a cultura como um mercado; atuante na crítica de produtos específicos.

Em 18 de fevereiro de 2001, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou um caderno especial em comemoração aos seus oitenta anos. Neste caderno, Cassiano Elek MACHADO escreveu sobre a renovação do jornalismo cultural na década de 1980.

Quatro grupos participaram dessa renovação do jornalismo cultural na Folha, sendo dois deles de jornalistas. Os primeiros vinham de experiências na imprensa estudantil e alternativa. Eles se integraram a uma equipe de jornalistas culturais como Paulo Francis, Sérgio Augusto e Ruy Castro, que passaram por “O Pasquim”. Completavam o quadro um grupo oriundo da universidade, sobretudo da USP, e o círculo dos concretistas, formado tanto por poetas como Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari como por uma geração mais jovem ligada a eles. Ganha espaço no papel-jornal uma cultura menos envolvida com a militância política, característica das décadas anteriores (MACHADO, 2001, p.18).

Já no final da mesma década, Márion STRECKER (1989, p. 96), que naquela época era editora do caderno, em documento interno na *Folha de S. Paulo*, escreveu:

A Ilustrada é um caderno cultural que tem como primazia as artes e os espetáculos. Entende a cultura como um fator de mercado, por isso a cultura de massa (cinema, televisão, indústria editorial e discográfica) tem espaço privilegiado. Com isso não desobriga de acompanhar as artes ditas eruditas (ópera, artes plásticas, etc).

Há também mudança no caráter do jornalismo praticado na **Ilustrada** – passa a

---

<sup>4</sup> Material de divulgação: **Ilustrada – 1960/90**. São Paulo, setembro de 1990, p.7.

fazer o chamado jornalismo antecipativo. “Procura noticiar com antecedência produtos ou eventos aos quais seu leitor terá acesso no futuro” (STRECKER, 1989, p. 96). E caracterizava o leitor do caderno como aquele com maior interesse em artes e maiores anseios intelectuais. “A prestação de serviço e o didatismo orientam a relação da *Ilustrada* com seu leitor, mas o caderno não pratica um jornalismo leigo” (p. 96).

Segundo MACHADO (2001 p.18), ganha espaço no jornal uma cultura menos envolvida com a militância política. A **Ilustrada** passa a captar a criação das vanguardas culturais, a cultura *pop*, os grupos de *rock*.

### **Algumas considerações**

Analisamos o conteúdo de seis edições do caderno **Ilustrada** (*Folha de S. Paulo*), no período de dez a quinze de dezembro de 2001. Foram publicadas no caderno 86 matérias, e dezenove delas, tiveram seu conteúdo voltado para o tema livro.

Quanto ao conteúdo do caderno, apenas as unidades informativas foram estudadas, ou seja, apenas o material jornalístico. Fotografia<sup>5</sup>, cartum, coluna, histórias em quadrinhos, publicidade, coluna social, astrologia, cruzadas, entre outros, não foram considerados.

Os títulos encontrados foram: “Noites Brancas” e “O pão do Corvo” de Nuno Ramos , “Old Gols Almost Dead the 40 -Year Odysseyof the Rolling Stones” de Stephen Davis, “Filandras” de Adélia Prado, “País Fast-Food” de Eric Schlosser, “A famosa invasão dos Ursos da Sicília” de Dino Buzzati, “O mar e o tempo” de Stella Caymmi, “As sedutoras dos quadrinhos” de Marco Aurélio Lucchetti, “Plínio Marcos: a crônica que não tem vez” de Javier Conturas, Vinícius Pinheiro e Fred Maia, “Folha explica Macunaíma” de Noemi Jaffe, “Ficar ou não ficar” de Tom Wolfe, “As consolações da filosofia” de Alain de Botton, “Summer in Baden-Baden” de Leonid Tsyppkin, “José Olympio – o descobridor de escritores” de Antônio Carlos Villaça e “Espaços da arte brasileira”<sup>6</sup> – trata-se de uma coleção com cinco títulos sobre a vida e obra de artistas plásticos renomados: “Lucio Costa” de Guilherme Wisnik, “Burlé Marx” de Vera Beatriz Siqueira, “Mira Schendel” de

---

<sup>5</sup> Segundo MARQUES DE MELO no livro **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo** (1987, p.12), a fotografia apesar de ser um código para registrar fatos ou documentá-los não é considerada um gênero jornalístico.

<sup>6</sup> Mesmo que o assunto tratado na matéria fosse a publicação em livro de biografias de artistas plásticos, o caderno colocou a retranscrição “Artes Plásticas”. Demonstrando que para o jornal o mais importante não é o suporte livro mas sim o tema artes plásticas.

Maria Eduarda Marques, “Franz Weissmann” de Sônia Salztein e “Jorge Guinle” de Christina Bach.

### **Gêneros Jornalísticos no Caderno Ilustrada**

Nossas considerações teóricas sobre a questão dos gêneros jornalísticos no jornalismo impresso passam pelas reflexões propostas por José MARQUES DE MELO no livro “A Opinião no Jornalismo Brasileiro” de 1994. Este autor propõe uma classificação dos gêneros peculiares ao jornalismo brasileiro, tomando como referência a classificação realizada anteriormente por Luiz Beltrão.

Na citada obra, MARQUES DE MELO (1994) primeiro agrupa os gêneros em categorias que correspondem à intencionalidade determinante dos relatos através de que se configuram. Neste sentido identifica duas vertentes: a reprodução do real – o atual e o novo (informação) e a leitura do real – o valor do atual e do novo (opinião) (p. 62). Neste estudo, o autor exclui as tendências rotuladas como jornalismo interpretativo e jornalismo diversional “por não encontrarem ancoragem na práxis jornalística do país”(p. 63).

Partindo dessas premissas, o autor divide os gêneros em duas categorias: jornalismo informativo – quatro formatos integram essa categoria: nota, notícia, reportagem e entrevista; e jornalismo opinativo – oito formatos estão relacionados na categoria opinativa: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Das dezenove matérias analisadas, oito foram publicadas no gênero informativo e onze no gênero opinativo.

Tabela 1

<b>Gênero Jornalístico (informativo)</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Notícia	5	26,5
Entrevista	2	10,5
Total	8	37

Apenas dois formatos informativos foram encontrados nas matérias sobre livros no caderno **Ilustrada** no período estudado. O formato predominante é a notícia, cinco matérias. Dentro do formato notícia foram enfocados os livros: “O mar e o tempo”, “A

famosa invasão dos Ursos da Sicília”, “José Olympio – o descobridor de escritores” e a coleção “Espaços da arte brasileira”.

O outro formato encontrado foi a entrevista, duas nesta semana. Sobre os livros “O mar e o tempo” e “As sedutoras dos quadrinhos”.

Cremilda MEDINA, ao analisar as entrevistas no jornal *Folha de S. Paulo* no período 21 a 27 de outubro de 1985, disse que “de imediato se conclui que as unidades-matérias tomadas como entrevistas (condescendentemente) são rarefeitas, embora o espaço que ocupem seja privilegiado...” e acrescenta sobre a **Ilustrada** “há apenas espaços garantidos para a entrevista espetacular – perfil de olímpianos...” (1987, p.105). As conclusões de MEDINA há mais de 15 anos podem ser repetidas, demonstrando que poucas coisas mudaram em relação ao formato entrevista na **Ilustrada**.

Uma outra característica na realização das entrevistas que não foi apontada (ou era inexistente) por MEDINA (1987) é a frequência de entrevistas feitas por telefone. As duas que encontramos sobre livros são exemplos disso: a entrevista feita com Dorival Caymmi – “Sigo o tempo calmamente, eu gosto da vida”, sobre sua biografia, o livro “O mar e o tempo” – , neste caso, o entrevistador deixa claro “Dorival Caymmi falou à Folha por telefone”; a outra com Guido Crepax – matéria intitulada “Garotas de Papel” – o repórter não diz claramente que a entrevista foi realizada por telefone, mas dá a entender – “de sua casa em Milão, Crepax, 68, ‘pai’ também de outras sedutoras, como Anita, Bianca e Justine, falou à Folha”.

### **Livros em notas e notícias:**

Mesmo que não tivesse em nossa proposta de trabalho estudar as eventuais colunas do caderno **Ilustrada**, colocamos aqui, apenas como informação adicional, notas<sup>7</sup> sobre livros encontradas na coluna “Panorâmica”<sup>8</sup> e uma notícia sobre mercado editorial, publicadas na semana analisada.

O lançamento do livro “Lado B” de Sérgio Augusto, publicado pela editora Record; e a premiação do escritor Viadiahar Surajprasad Naipul, correspondente ao Nobel de

---

<sup>7</sup> Nota é um formato do gênero informativo. Segundo MARQUES DE MELO, no livro “A opinião no jornalismo brasileiro” (1994), nota é definida como “corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração”.

<sup>8</sup> Apesar de não nos determos no conteúdo das colunas, não poderíamos deixar de citar a coluna “Panorâmica” que foi publicada diariamente no caderno. Trata-se de um coluna com pequenas notas de assuntos variados como: livro, música, exposição, literatura, ciências humanas, show, cinema, revelação, bebidas entre outros.

Literatura de 2001 – na nota há referência de duas obras de Naipul: “Entre os fiéis” e “Além da fé” – , foram noticiadas na coluna Panorâmica na segunda-feira da semana em questão.

O lançamento das obras premiadas pela Revista Cult e publicadas pela Lemos Editorial ( o romance “Solo para ti” de Luigi Oliveira, as poesias “Rios Emprestáveis” de Alckmar Luiz dos Santos e “A lira de Orso Cremonesi” de José Fernando Carbonieri e o conto “Linha férrea” de Tércia Montenegro) foram publicados na referente coluna no dia treze de dezembro de 2001. E por fim a nota, sobre o lançamento do livro “Poetas na Biblioteca – Antologia” na biblioteca do Memorial da América Latina (não há detalhes sobre o livro – editora, autor(es), gênero etc), em 15 de dezembro de 2001.

Uma outra notícia que não teve seu conteúdo voltado exatamente para uma obra, e que merece destaque, foi a matéria intitulada “Record compra a histórica José Olympio<sup>9</sup>” publicada no dia quinze de dezembro de 2001. Como o próprio título já diz, refere-se à compra da editora José Olympio pela editora Record, depois de nove meses de negociações. Na matéria há referencia de diversas obras publicadas por ambas editoras e seus respectivos catálogos.

Tabela 2

<b>Gênero Jornalístico (opinativo)</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Comentário	9	47,25
Crítica	2	10,5
Resenha	1	5,25
Total	12	63

O material opinativo no caderno **Ilustrada**, na semana em questão, foi de 63% do conteúdo analisado, quase o dobro do material informativo. O formato predominante do gênero opinativo é o comentário, 47,25%. Durante toda a semana foram nove comentários, sendo que, destes, três foram publicados no sábado, dia em que o caderno publicou maior número de matérias sobre livros. Segunda e sexta-feira há um comentário sobre livro, terça

---

<sup>9</sup> Esta matéria, assim como as notas da coluna “Panorâmica”, não constam no quadro geral das matérias analisadas.

e quarta-feira, dois. Os livros comentados foram: “As sedutoras dos quadrinhos”, “Old gols almost dead – the 40 – year odyssey of the Rolling Stones”, “Noites Brancas”, “O pão do corvo”, “Filandras”, “País fast-food” , “Folha explica Macunaíma”, “Ficar ou não ficar” e “As consolações da filosofia”.

No gênero opinativo também encontramos duas críticas sobre os livros “ O mar e o tempo” e “Plínio Marcos: a crônica que não tem vez”, e a resenha de “Summer in Baden-Baden”. O jornal<sup>10</sup> colocou a retranca crítica e resenha nas matérias citadas. Estes dois formatos juntos contabilizaram 15,75% do conteúdo analisado.

### **Avaliação no caderno Ilustrada:**

À esquerda na primeira página junto ao nome do caderno, há uma escala de avaliação. A classificação é feita de acordo com o número de estrelas: quatro (ótimo), três (bom), duas (regular), uma (ruim) e há também um círculo preenchido que corresponde a péssimo. O caderno publica esta escala, em algumas matérias. Das doze matérias opinativas, cujo tema foi o livro, oito foram avaliadas:

- Ótimo: 3 livros (O pão do corvo; Plínio Marcos: a crônica que não tem vez; Summer in Baden-Baden);
- Bom: 3 livros (Old gols almost dead; Folha explica Macunaíma; e As consolações da filosofia);
- Regular: 2 livros (O mar e o tempo; Ficar ou não ficar).

Tabela 3

Origem dos autores (número e %)

<b>Estrangeiros</b>	<b>%</b>	<b>brasileiros</b>	<b>%</b>
6	43	8	57

Quatorze autores brasileiros tiveram seus livros noticiados nesta semana. Nuno Ramos foi o único autor que teve mais de uma obra noticiada – “Noites Brancas” e o “Pão do Corvo”. Outros três autores brasileiros tiveram suas obras (mesmo título) mencionadas

<sup>10</sup> A divisão dos gêneros jornalísticos e seus respectivos formatos são definidos no “Manual da Redação” da *Folha de S. Paulo* (2001, p. 71).

em mais de uma matéria: Javier Conturas e outros (Plínio Marcos: a crônica que não tem vez); Stella Caymmi (O mar e o tempo); e Marco Aurélio Lucchetti (As sedutoras dos quadrinhos).

Os autores estrangeiros que tiveram suas obras noticiadas no caderno **Ilustrada** foram: o italiano Dino Buzzati (A famosa invasão dos Ursos da Sicília), os americanos Eric Schlosser (País Fast-Food) e Tom Wolfe (Ficar ou não ficar), os ingleses Alain de Botton (As consolações da filosofia) e Stephen Davis (Old Gols Almost Dead the 40 -Year Odyssey of the Rolling Stones) e o soviético Leonid Tsypkin (Summer in Baden-Baden). Com exceção dos dois últimos livros, os demais foram traduzidos e publicados em português.

Tabela 4  
Natureza das obras (número e %)

<b>Ficção</b>	<b>%</b>	<b>Não-ficção</b>	<b>%</b>
8	47	7	53

Oito obras são de ficção (O pão do Corvo, Filandras, A famosa invasão dos Ursos da Sicília, As sedutoras dos quadrinhos, Plínio Marcos: a crônica que não tem vez, Folha explica Macunaíma, Ficar ou não ficar e Summer in Baden-Baden); e sete são de não-ficção (Noites Brancas, José Olympio – o descobridor de escritores, Old Gols Almost Dead the 40... , País Fast-Food, O mar e o tempo, As consolações da filosofia e Espaços da arte brasileira...)

Tabela 5

<b>Editoras</b>	<b>Nº de livros</b>	<b>%</b>
Editora 34	4	21,25
Randon House	1	5,25
Casa da Imagem	1	5,25
Record	1	5,25
Ática	1	5,25



Berlindes &Vertecchia	1	5,25
Opera Graphica	2	10,5
Boitempo	2	10,5
Publifolha	1	5,25
Rocco	2	5,25
New Direction	1	5,25
Thex Editora	1	5,25
Cosac & Naify	1	5,25
Total	19	100

Os livros mencionados nas matérias pertencem a 13 editoras. Delas, seis estão situadas na capital paulista: Ática, Berlindes & Vertecchia, 34, Boitempo, Publifolha, Cosac & Naify; e uma do interior (Vinhedo): Opera Graphica. Três editoras com sede no Rio de Janeiro tiveram livros citados na semana em análise: Record, Rocco e Thex Editora. Na região sul do Brasil apenas uma editora teve livro citado: Casa da Imagem de Curitiba/Pr; e finalmente duas norte-americanas Randon House e New Direction.

A editora 34 possui o maior número de matérias no quadro geral, no total quatro. Porém, este número perde significação quantitativa porque o livro “O mar e o tempo” de Stella Caymmi foi tema de três matérias (notícia, entrevista e crítica). O outro livro citado da editora 34 foi “O pão do Corvo” de Nuno Ramos. Semelhante à editora 34, o mesmo acontece com as editoras Opera Graphica com o livro “As sedutoras dos quadrinhos” de Marco Aurélio Lucchetti e Boitempo com “Plínio Marcos: a crônica que não tem vez” de Javier Conturas e outros, que aparecem no quadro geral com duas citações cada uma, entretanto referem-se à mesma obra. Já a editora Rocco teve dois livros mencionados: “Ficar ou não ficar” de Tom Wolfe e “As consolações da filosofia” de Alain de Botton.

### **Livros e outros temas no caderno Ilustrada**

Tabela 6

Temas	10/12/2001	11/12/2001	12/12/2001	13/12/2001	14/12/2001	15/12/2001	Total	Total %
Artes plásticas	1	1		1			4	4,00%
Arquitetura			1				1	1,00%

Cinema	2	2	2	4			10	12,00%
Dança							0	
Fotografia						1	1	1,00%
Jornal							0	
<b>Livro</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>23,00%</b>
Música	6	1		2	8		17	20,00%
Teatro	1		2			2	5	6,00%
TV	1	4	1	2	2	2	12	14,00%
Misto					1	1	2	2,00%
Outros	2		2	1	1		5	6,00%
Não classificável	1	1	1	2	3	2	9	11,00%

Sobre os temas na **Ilustrada**, o assunto livros é predominante, ele está presente em todos os dias, totalizando 19 matérias (23%). Apesar do grande número de matérias relacionadas a livros ser constante em toda a semana, a distribuição das matérias não é homogênea, ao contrário, tem-se um pequeno número no início da semana que vai crescendo timidamente ao longo da mesma e um grande pico no sábado, ou seja, segunda-feira uma matéria, terça-feira e quarta-feira, duas, quinta-feira, quatro, sexta-feira, duas e sábado, oito matérias. Música vem em seguida, com 17 matérias, representando 20% do conteúdo jornalístico na semana analisada.

Na classificação dos temas, as crônicas foram assinaladas como “não classificáveis” por não se remeterem a um tema específico, o cronista ao escrever seu texto não escreve sobre um tipo específico de arte, e sim aborda diversos temas – no total somam nove matérias, com 11%.

TV alcança índice significativo, 12 matérias, com 14%, isto pode ser explicado, além da coluna diária de Daniel Castro sobre televisão, o grande sucesso do *Reality Show* “Casa dos Artistas”.

Os demais temas ficaram distribuídos da seguinte forma: cinema com dez matérias, ou 12%; teatro com cinco matérias, representando 6%; outros com cinco matérias; artes plásticas quatro matérias ou 4%; misto duas matérias, com 2,%; por fim, arquitetura e fotografia não tiveram incidência significativa na semana analisada, estas duas empatam em número de matérias, apenas uma para cada tema.

## **Metrópolis**

A TV tem condições de fazer trabalhos tão profundos e criar espaços de reflexão cultural tanto quanto uma revista (...) qualquer veículo, portanto, pode fazer uma cobertura, rica, expressiva e competente. O que falta é investir, seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista dos profissionais que devem se desenvolver e aperfeiçoar. (MEDINA, 1992, p.13)

O **Metrópolis** foi ao ar pela primeira vez no dia 4 de abril de 1988. O nome foi homenagem ao filme do diretor Fritz Lang. A proposta era ser um espaço para a arte e a cultura acontecerem, um espaço aberto para as pessoas que faziam a arte e a vida cultural de São Paulo. Um programa de arte e variedades apresentado ao vivo, de segunda a sexta-feira.

Na época da estréia, o **Metrópolis** abrigava um grande estúdio. O objetivo do programa era ser totalmente diferente do balcão de divulgação de agenda, característico do que já tinha sido feito no gênero, ou seja, do programa **Panorama veiculado** de 1975 a 1988 na *TV Cultura*. “Vamos trabalhar em cima das tendências da arte”, afirmou o diretor do programa na época, Ninho Moraes, em entrevista ao caderno de programação da *TV Cultura* de 4 de abril de 1988. O que se pretendia era abrir um novo espaço na mídia para mostrar os eventos artísticos que tradicionalmente não tinham espaço na mídia e a vida cultural em São Paulo.

Durante a realização do programa que era ao vivo, eram feitos performances de músicos, atores, fotógrafos, cineastas e artistas plásticos que se alternavam apresentando seus trabalhos. O clima informal não impedia que fosse dado um tratamento jornalístico às entrevistas e matérias apresentadas. Diariamente uma equipe de reportagem entrava ao vivo de alguma região de São Paulo.

O **Metrópolis** buscava uma identificação com a cidade de São Paulo. O cenário era um dos destaques, idealizado por Marcos Weinstock, constituía-se no perfil de prédios tradicionais – Banespa, Martinelli, Itália, Citycorp e Hotel Hilton, entre outros –, completado por um estratégico poste antigo, característico da primeira metade do século XX.

Na época de sua criação o programa já contava com a colaboração de críticos. Estes analisavam os principais acontecimentos culturais em cartaz. Os temas seguiam de shows, peças de teatro até programas de televisão. O time de críticos era composto por Caio Fernando Abreu (literatura), José Márcio Penido (cinema), Ênio Squeff (música clássica), Leonor Amarante (artes plásticas), Luís Antônio Giron (música popular), Celso Cury (tendências), Paulo Markun (mídia), José Simão (televisão), Miguel Angelo Filiage (teatro), Helena Katz (dança) e Eduardo Mendonça (vídeo). A redação era de Maria Amélia Rocha Lopes e Ricardo Soares, a editora-chefe era Delta de Negreiros.

No início, o **Metrópolis** encerrava a programação da *TV Cultura* (último programa da noite), tinha uma duração flexível que ia de uma hora a uma hora e meia. A maior característica do programa era que as performances aconteciam ao vivo, era muito pequeno o número de matérias editadas.

Desde sua inauguração o programa mudou de apresentadores e cenários. E na década de 1990, o **Metrópolis** começou a mudar de forma, apresentado ao vivo, sua programação começou a contar com mais matérias editadas, diminuiu significativamente as performances durante a realização do programa, uma ou duas no máximo. O factual tornou-se parte de sua rotina.

O **Metrópolis** passou a ser veiculado de segunda a sábado. Quanto ao seu horário de veiculação, muitas foram as alterações, sempre à noite, os horários se alternaram entre oito e onze e meia. Seu tamanho mudou depois de entrar na rede de programação da emissora, passou a ser editado com uma duração média de vinte oito minutos.

É também na década de 1990 que o programa começou a utilizar matérias de outras praças e material de agência, *Reuters*. O **Metrópolis** passou a ser veiculado por redes de outras praças, com a Rede Minas de Televisão.

Quando foi analisado pelo presente trabalho, o programa contava com correspondente em New York, para aumentar seu leque de cobertura.

Com média de um ponto de audiência na TV aberta, a produtora-executiva do **Metrópolis**, Denise Vieira Pinto, em entrevista a autora, diz que o público do programa “é um público interessado em arte, dotado de um repertório”.

O estúdio do **Metrópolis** é uma das particularidades do programa, além de ser espaço para exposição de personalidades que compõem o universo cultural, o cenário se

tornou ao longo dos anos um espaço para a exposição de obras de pintores e artistas plásticos. As obras têm em média três metros de comprimento, ficam no ar por um mês e depois são doadas à *TV Cultura*.

### **Algumas considerações:**

O **Metrópolis** é uma revista cultural e faz parte da programação da *TV Cultura* de São Paulo, situada na capital. A produção do programa se dá no departamento jornalismo desta emissora.

Na semana analisada, sábado foi um dia peculiar no programa, além de não ser editado ao vivo como nos demais dias da semana, as matérias exibidas foram reapresentações das “mais marcantes”. Neste dia, na nossa semana-amostra, encontramos apenas uma matéria inédita.

O programa na época em que foi analisado contou com um horário privilegiado no centro do que se costuma chamar de horário nobre, às 21h.

Apenas o conteúdo integral dos noticiários foi analisado, as publicidades e as chamadas para outros programas, que acidentalmente foram gravadas, não foram consideradas.

Foram analisadas seis edições do programa **Metrópolis** da *TV Cultura* de S. Paulo, também no período de 10 a 15 de dezembro de 2001. Constatamos 41 matérias exibidas, e destas, três tiveram seu conteúdo voltado para o assunto livro. Foram elas: “Por um cinema sem limite” de Rogério Sganzerla, “A onda que se ergueu no mar” de Ruy Castro e Baudolino de Umberto Eco.

### **Gêneros Jornalísticos no Programa Metrópolis**

Igualmente ao impresso as considerações teóricas sobre gêneros jornalísticos na TV devem passar, pelas reflexões de MARQUES DE MELO. No livro “Para uma leitura crítica da comunicação”, de 1978, este autor classifica os gêneros na televisão, dividindo-os em quatro categorias: Informativo (telejornal, reportagem, entrevista, documentário, outros); Entretenimento (novela, cinema, teatro, seriados, música popular, música erudita, variedades, esporte, outros); Educativo (cursos, ciências, artes, esportes, civismo, outros) e Especial (infantis, minorias étnicas, religião, agrícolas, outros) .

Na classificação acima proposta, o programa **Metrópolis** se enquadra no gênero informativo – por ter em sua estrutura as categorias: reportagem, entrevista, outros.

Em 1998, REZENDE, ao analisar o conteúdo de três telejornais propõe uma classificação para o telejornalismo, partindo da literatura escrita por MARQUES DE MELO sobre o assunto. REZENDE (1998, p.164) propõe uma classificação que compreende dois gêneros jornalísticos, o jornalismo informativo e o opinativo.

Para a classificação do gênero jornalístico informativo, REZENDE propõe cinco formatos: nota, notícia, reportagem, entrevista e indicador. Três formatos integram o gênero opinativo: editorial, comentário e crônica.

Das três matérias sobre livros publicadas no período analisado duas foram editadas no formato reportagem – “Por um cinema sem limite” e “A onda que se ergueu no mar”. A outra matéria foi editada no formato comentário: “Baudolino”. Portanto, o gênero informativo, no que diz respeito às matérias sobre livros, totalizou 66,5%. E o gênero opinativo, com apenas uma matéria, 33,5%.

Tabela 7

Gêneros Jornalísticos	Nº matérias	%
Informativo	2	66,5
Opinativo	1	33,5
Total	3	100

Note-se que ao contrário do caderno **Ilustrada** que não teve nenhum de seus livros publicados, na semana analisada, na lista dos mais vendidos<sup>11</sup> da Revista “Veja”<sup>12</sup>, o programa editou matéria de dois livros que estiveram nesta lista. Foram eles: “Baudolino” – três semanas consecutivas na lista, a anterior à semana de análise, a da semana de análise e a posterior (cinco, doze e dezoito de dezembro de 2001), e “A onda que se ergueu no mar” publicada na lista dos mais vendidos em 19 de dezembro de 2001, posterior à semana analisada.

<sup>11</sup> Buscamos verificar se haveria alguma relação entre livros mais vendidos e a publicação ou veiculação nos suportes analisados.

<sup>12</sup> Revista Veja. São Paulo: Ed. Abril, nº 48, 49 e 50, ano 34, dez.2001.

Quanto a autores, o programa veiculou três obras de distintos autores, sendo dois brasileiros (Rogério Sganzerla e Ruy Castro) e um italiano (Umberto Eco).

Das três obras editadas no programa, apenas a de Umberto Eco é de ficção. Note-se que o tema central do livro de Rogério Sganzerla é o cinema, e o de Ruy Castro, a música.

Dos três livros que veiculou, o **Metrópolis** citou a apenas o nome da editora do livro de Umberto Eco “Baudolino”, Record.

### Temas no Programa Metrópolis

Tabela 8

Temas	10/12/2001	11/12/2001	12/12/2001	13/12/2001	14/12/2001	15/12/2001	Total	Total %
Artes plásticas			1	1	1		3	7%
Arquitetura		1				1	2	4%
Cinema	1			1	1		3	7%
Dança				2	1		3	7%
Fotografia								0%
Jornal								0%
Livro		2				1	3	7%
Música	3	3	1	2	3	1	13	32%
Teatro	1			1	1	2	5	12%
TV		1					1	3%
Misto	2		3		1	1	7	17%
Outros		1					1	3%

Quanto aos temas no programa **Metrópolis**, música é majoritária, com 13 aparições, ocupando 32% do total. Além das matérias exibidas no meio do programa, este número sugere uma das características do **Metrópolis** que tem no seu fechamento quase sempre um comentário sobre lançamentos musicais ou videoclipe dos mais variados tipos de música.

Os demais temas ficaram assim distribuídos: “misto” com sete matérias, que se referem a espetáculos e exposições em que mais de um tipo de arte é utilizado; teatro com cinco aparições; artes plásticas, cinema, dança e livro empatam em número de matérias, três; os temas TV e “outros” tiveram uma aparição.

### Análise comparativa: o livro no jornal e na TV

A primeira comparação que podemos fazer diz respeito à predominância de temas relacionados a livros no caderno impresso e relacionados a música no programa televisivo. Na **Ilustrada**, música também tem espaço, mas fica em segundo lugar.

O grande número de matérias sobre música tanto na TV como no impresso pode ser justificado pelo Brasil ser um país mais profundamente musical, mais afeito ao universo oral/sonoro do que literário/impresso. Quem explica esta predominância é Antonio CANDIDO. Para ele, a característica começa no movimento romântico. É época em que a sociedade brasileira era formada por uma enorme massa de iletrados, analfabetos ou pouco afeitos à leitura. Neste sentido, o que se fez foi ajustar públicos mais amplos do que os habilitados para a leitura compreensiva.

Deste modo formou-se, dispensando o intermédio da página impressa, um público de auditores (...) e prejudicou entre nós a formação dum estilo realmente escrito para ser lido (...) a grande maioria dos nossos escritores, em prosa e verso, fala de pena em punho e prefigura um leitor que ouve o som da sua voz brotar a cada passo por entre as linhas (...) favorecendo o desenvolvimento, a penetração coletiva de uma literatura sem leitores, como foi e é em parte a nossa (1973, p .81-2).

Antonio CANDIDO, também chama a atenção para o fato de a tradição do auditório ter prosseguido por todo o século XIX e até início do século XX, “graças não apenas à grande voga do discurso em todos dos setores da vida, mas, ainda, ao recitativo e à musicalização dos poemas. (...) Desta maneira românticos e pós-românticos penetram melhor na sociedade, graças a públicos receptivos de auditores” (1993, p.84-5).

Além desta tendência ao oral/sonoro em detrimento ao literário/impresso outro fator que poderia explicar a predominância de matérias sobre música no jornalismo cultural seria o crescimento da indústria fonográfica resultando em um grande volume de lançamentos de discos, DVDs, e também de shows. Além disso, o **Metrópolis**, como dito anteriormente, finalizou todos os programas com música, quase sempre videoclipes.

Quanto à predominância de livros no caderno **Ilustrada**, segundo BOSI, representa mais um reforço para as produções universitárias, ou seja,

Na verdade, a vida cultural letrada se faz, hoje, mais do que nunca dentro da Universidade, ou em torno dela. Abram-se as revistas e os suplementos dos jornais mais informados: as suas secções de cultura alimentam-se de artigos, entrevistas, resenhas e reportagens escritas pelos intelectuais, ou sobre os intelectuais, das maiores universidades do país (Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Brasília, PUC- Rio, PUC – São Paulo...) (1992, p .319).

Esta predominância pode ainda ser justificada, pela proximidade que há entre o



jornal e o livro, ou seja, o caderno de cultura e o livro, ou ainda, como sugere Isabel Travancas:

“quando o jornal possui um suplemento literário, é para lá que vão os livros noticiados, este é quase sempre o seu destino. (...) Assim, os suplementos se tornam, por um lado, o lugar privilegiado de expressão do livro, – atingindo um público específico e segmentado, um público considerado leitor em potencial de livros ou ‘já leitor’ –, e por outro o instrumento de transmissão de uma noção particular da literatura e do livro de um modo geral” (2001, p.26-7).

Uma outra comparação diz respeito aos gêneros jornalísticos. Mesmo que o conteúdo editado no programa **Metrópolis**, sobre livros, não tenha atingido tamanha expressão como no caderno **Ilustrada**, houve comportamento inverso entre os dois veículos analisados. Enquanto o caderno publicou 63% no gênero opinativo e 37% no gênero informativo a TV publicou 33,5% no opinativo e 66,5% no informativo.

A distribuição da publicação/edição quanto à natureza das obras é outro ponto de comparação. No caderno **Ilustrada** houve um equilíbrio entre matérias sobre livros de ficção e não-ficção, oito e nove respectivamente. Já no programa **Metrópolis**, a distribuição ficou assim: ficção com 33,5% (correspondente a uma matéria) e 66,5% para não-ficção (duas matérias).

Os autores brasileiros foram privilegiados na semana analisada nos dois veículos. Tanto na TV como no jornal os autores brasileiros tiveram mais obras publicadas/editadas do que os autores estrangeiros. No caderno foram publicadas oito obras de autores nacionais e seis de estrangeiros. No programa foram duas obras de autores brasileiros e uma de autor estrangeiro.

E por fim, a diferença entre o número de informações contidas nas matérias publicadas/veiculadas. Exemplo disso é a não veiculação nas matérias sobre livros no programa **Metrópolis** do nome da editora das publicações. Esta informação coube apenas na matéria sobre o livro “Baudolino” de Umberto Eco. Enquanto que no caderno **Ilustrada**, esta informação pode ser conferida em todas as matérias onde o tema foi o livro.

### **Bibliografia:**

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das letras, 1992.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

MACHADO, C. E. A renovação cultural. **Folha de S. Paulo** – Caderno especial, Folha 80 anos. São Paulo: 18 fev 2001, p.18.

MANUAL DA REDAÇÃO: Folha de S. Paulo. Publifolha: São Paulo, 2001.

MARQUES DE MELO, J. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

MARQUES DE MELO, J. (org). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

MARQUES DE MELO, J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEDINA, C. Entrevista. In: MARQUES DE MELO, J. (org). **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992. p. 101-110.

MEDINA, C. Nosso jornalismo cultural está descontaminado de arte. Entrevista. **Ensaio**. São Paulo: v.1, nº 2, p. 9 –13, abril 1992.

PINTO, D. V. **Entrevista concedida a Mônica Rodrigues Nunes**. São Paulo, 04 de fev. 2002.

REIMÃO, S (org). **Livros em revistas** : um estudo sobre a seção de livros em revistas brasileiras de grandes tiragens. São Paulo: Editora Salesiana, 1996. 109p.

REIMÃO, S. Estudos sobre produção editorial e história dos livros no Brasil: algumas observações. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo/SP, Umesp, nº42, 2004, p. 83 - 93.

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000. 289p.

STRECKER, M. ; VENTURA, Z. Cadernos Culturais. In: RITO, Lúcia et al. **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 93-108.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê, 2001.

### **Periódicos:**

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, nº 49, ano 34, edição 1729, 05/12/2001, p. 161.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, nº 50, ano 34, edição 1730, 12/12/2001, p. 185.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, nº 51, ano 34, edição 1731, 19/12/2001, p. 169.